



Um modelo para a mudança em Heráclito

Celso Vieira

Mestrado em Filosofia – UFMG

Orientadora: Profa. Doutora Miriam Campolina Diniz Peixoto

Resumo

Da união representada em B60 por um mesmo caminho que vai para cima e para baixo retira-se um modelo para a mudança em Heráclito. Seus componentes seriam dois opostos, A e B, e um mesmo substrato que os une, AB ou BA. Tratar-se-ia portanto de uma mudança recíproca (de A para B e de B para A) que serviria de prova para a união dos opostos (A e B). As condições para seu funcionamento dependem da interação entre seus componentes. A união no substrato é condição de existência para os opostos. No entanto ela não pode unificá-los em um todo homogêneo pois impossibilitaria a mudança da qual depende. A aplicação desse modelo aos casos particulares apresentados em outros fragmentos permite compreender melhor a interação entre os tipos de mudança, sucessiva ou simultânea, e os tipos de opostos, com existência real ou aparente.

Palavras-chave: Heráclito; mudança; opostos; união; ontologia

Abstract:

The unity of the way up and down presented in B60 would be a model of change in Heraclitus. Its components are two opposites, A and B, and an unifying substratum AB or BA. They would represent a reciprocal change (from A to B, then from B to A) serving as a proof of the opposites' union. The conditions of such a change would rest on the interaction between the components. The opposites' existence depends on their unifying substratum, but their unification cannot result in an homogeneous whole, for it would make the change impossible. The application of such a model to particular cases presented over the fragments allow a better comprehension of the types of change and the types of opposites presented in Heraclitus' fragments.

Keywords: Heraclitus, change, opposites, union, ontology

Introdução

No fragmento B60¹ Heráclito afirma ser “o caminho para cima e para baixo um e o mesmo”. Sua leitura é consensual: trata-se de um mesmo caminho percorrido (por algo ou alguém) para ir e voltar (de algum lugar). As divergências surgem durante o esforço interpretativo de se lidar com as indeterminações dessa afirmação geral. As opções apresentadas enquadram-se numa perspectiva humana ou cosmológica.²

A humana restringe o fragmento a um exemplo relativista cuja interpretação independe de qualquer determinação. Quem sai de cima e chega embaixo percorre o mesmo caminho, mas chega num ponto contrário de quem sai de baixo e chega em cima. Onde *quem* pode ser qualquer coisa e *cima e baixo* podem indicar qualquer lugar desde que sejam distintos. Por outro lado, a interpretação cosmológica se embasa em testemunhos antigos para determinar o contexto do fragmento.³ Segundo esta leitura B60 trataria da descrição das mudanças dos componentes do cosmos. Por exemplo, a água subindo e descendo pelo mesmo caminho viraria terra e voltaria a ser água. A leitura humana é mais prudente ao aceitar a indeterminação do fragmento evitando impor sobre ele algum caso particular. Porém o uso que ela faz da indeterminação parece não realizar o objetivo de uma generalização, ser aplicável a vários casos particulares. Se for válida uma maior aplicabilidade, ela poderia incluir

¹ A numeração seguida é a de Diels-Kranz. As traduções são próprias.

² Uma confrontação dessas interpretações acontece em Vlastos que opta pela cosmológica ao invés da humana, caracterizada como banal: “a referência primária dessa asserção da unidade-identidade dos opostos torna-se um fenômeno cosmológico da maior importância ao invés de uma banalidade, como a igualdade do caminho que vai montanha acima e montanha abaixo adotado com toda seriedade por Kirk e outros.” VLASTOS, G. On Heraclitus. *The American Journal of Philology*. Vol.76, No. 4, 1955, p.349

³ Por exemplo: Diógenes Laércio, IX.1.8 “a mudança (metabolê) é o caminho para cima e para baixo, e o cosmos vem a ser de acordo com ela.” Marco Antônio, VI, 17 “para cima para baixo, em ciclos, [são] os movimentos dos elementos (stoicheiôn)”. Essa é a interpretação mais recorrente entre os antigos, mas não é a única. Para uma lista de várias referências cf. MARCOVICH, M. *Heraclitus: Greek Text with a Short Commentary*, Sankt Augustin: Academia, 2001 p.165-170.

também o processo de mudança cosmológica. Este será o objetivo deste artigo.

A amplitude de aplicabilidade de B60 como uma descrição geral da mudança pode ser verificada sem a necessidade de uma recorrência aos testemunhos indiretos. Para tanto é preciso confrontar a situação descrita neste fragmento com as mudanças apresentadas nos outros. O primeiro passo necessário será definir o modelo representado por B60 dentro do pensamento de Heráclito. Uma vez preparado esse modelo, serão classificadas as situações que lhe seriam aplicáveis. Satisfeitas estas condições, será possível realizar a aplicação da qual se extrairão algumas implicações necessárias ao seu funcionamento. Isto permitirá definir melhor os seus componentes e suas relações.

O fragmento B60 dentro do pensamento de Heráclito

A apresentação de um par de opostos, “em cima e embaixo” (*ano kato*), seguida de sua união, “(serem) um e o mesmo” (*mia kai houte*), evidencia que B60 trata da teoria de Heráclito usualmente conhecida como *união de opostos*. Esta teoria, desenvolvida mais pela apresentação de exemplos do que pela argumentação, provaria a união daquilo que é normalmente percebido pelos humanos como opostos. Para que o exemplo de B60 funcione também como um modelo basta aceitar que sua generalidade seja suficiente para abstrair sua particularidade. Heráclito não queria mostrar que o caminho do Pireu para a Acrópole era o mesmo que o da Acrópole para o Pireu. Ele queria mostrar que da observação do processo completo, a ida e a volta, todo caminho de um lugar ao outro, apesar de seguir direções opostas, é um e o mesmo. Se os componentes do cosmos percorrem algum caminho, este também é um e o mesmo. Este uso ainda permitiria um outro passo na generalização. O caminho percorrido pelos componentes do cosmos indica a mudança de sua constituição (cf. B30-31 e B36). Portanto, toda mudança, de um lugar para o outro, de um estado para outro, ou ainda de uma coisa para outra, seria vista como um

caminho⁴ percorrido. Desta perspectiva não parece absurdo generalizar B60 como um modelo de mudança que provaria a união dos opostos.⁵

Esquematizado segundo uma imagem geométrica, mais adequada a generalizações nos dias de hoje, este caminho poderia ser representado por um segmento de reta AB no qual o ponto A seria uma extremidade (o *em cima*) e o B a outra (o *embaixo*). Nessa imagem, como no exemplo anterior, pensar o caminho como *um e o mesmo* é bem simples, pois tanto de A até B quanto de B até A o segmento formado é o mesmo. Seria adequado denominar retilinear um tal modelo de mudança que comprovaria a ligação de A e B. Além disso, sua reversibilidade necessária, dado que é a possibilidade de ir de A para B e voltar de B para A que comprova sua união, indicaria tratar-se de uma mudança retilinear recíproca. Se o movimento entre A e B for contínuo como numa situação de fluxo eterno, tratar-se-ia de uma mudança retilinear recíproca contínua.⁶

⁴ O fato de tratar-se de um 'caminho' não foi entrave algum para a generalização do escopo do fragmento. Desde a antiguidade ele já foi apresentado como um modelo das mudanças físicas, cosmológicas e até mesmo cosmogônicas em Heráclito. Para a sequência do texto basta aceitar que o caminho para cima e para baixo serve como modelo de mudança, independentemente dele ser também um modelo cosmogônico ou cosmológico.

⁵ Ainda mais dentro de um pensamento no qual a união de pares opostos resultaria numa união absoluta. Como em B50 segundo o qual “é sábio concordar que tudo é um.”

⁶ A caracterização deste movimento como contínuo depende da aceitação de outra ideia atribuída a Heráclito desde a antiguidade que atualmente não possui uma aceitação unânime. Trata-se do fato de que o cosmos estaria em fluxo contínuo. Aqui é seguida a posição de Kirk segundo a qual: “A unificação dos opostos aparentes de Heráclito dependia, em sua forma mais clara, de um movimento infalível entre extremos: noite sucede o dia e o dia a noite, portanto noite-dia é um continuum simples; assim também com os outros pares de opostos; daí, ele concluiu por um salto de imaginação intolerável, todas as coisas são um. Se a sucessão falha a unidade é destruída.” KIRK, G. S. *Natural Change in Heraclitus, Mind, New Series, Vol.60, No.237, p.35-42, Jan.,1951, p.36.* Pode-se acrescentar ainda que, apesar de aceitar o fluxo contínuo em Heráclito, disso não se extrai qualquer impossibilidade de conhecimento. Esta impossibilidade sim seria um acréscimo da interpretação platônica. Para Heráclito é justamente o movimento e sua continuidade que permitem o conhecimento que leva à união de opostos. Alinhado a essa postura está Sedley. Ele traduz assim a passagem do *Teeteto* 182c-d: “Mas se nem isto permanece mas muda, o branco fluente de um objeto fluente, de modo que há fluxo desta mesma coisa, a branquidão, e muda para uma outra cor, assim ela não deveria ser acusada de permanecer no mesmo estado, existe alguma maneira possível para falar de alguma cor e referi-la corretamente?” E a partir daí interpreta que: “o ponto alto da refutação de Sócrates à tese do fluxo é que, se como a teoria perceptual requer não há literalmente nada estável, não há nada sobre o que a resposta dialética de alguém pode ser correta, e portanto, em particular, não há definições. Se espera que os heraclitianos insistam que o discurso de seu próprio tipo favorito possa continuar, a indeterminação de seus termos referidos, e mesmo (como agora eles devem concordar) de

O modelo relaciona os opostos através da mudança entre eles. O mínimo exigido por sua aplicação é a existência de dois opostos e da ocorrência de alguma mudança entre eles. Contudo há vários exemplos de união de opostos em Heráclito que indicam diferentes tipos de pares de opostos unidos por diferentes tipos de mudança. Antes de sua aplicação ao modelo convém estabelecer primeiro uma classificação desses tipos de mudança e de seus pares de opostos. Só então será possível relacionar aqueles que satisfaçam as exigências mínimas do modelo de B60.

Dois tipos de mudança

As mudanças identificadas em Heráclito podem ser classificadas em duas segundo sua temporalidade. Elas podem ser diacrônicas ou sincrônicas.⁷ Diacrônica é a mudança sucessiva de uma coisa, elemento ou qualidade, em outra coisa, elemento ou qualidade. Por exemplo, o dia vira noite (B67) e ambos são um (B57), a água vira terra e a terra vira água (B31), e uma coisa quente esfria e uma fria esquenta (B126). Esta sucessividade recíproca⁸ parece garantir sua aplicação ao modelo proposto. Algo A em t1 sofre alguma mudança para que em t2 seja B. O fato de B em t2 já estar sofrendo uma mudança que o transformaria novamente em A em t3 comprovaria sua união.

O caso da mudança sincrônica é menos trivial. Ela é simultânea e comprovada pela alteração ou de quem percebe ou de um aspecto do que sofre a mudança. Daí a controvérsia, pois as alterações de um referente externo ou interno

seus valores-de-verdade, capturando acuradamente o fluxo do mundo real.” SEDLEY, D. *The Midwife of Platonism*, Oxford: University Press, 2002 p.98-99

⁷ Irwin identifica e divide esses dois tipos de mudança em *mudança de si (mudança-s)* e *mudança de aspecto (mudança-a)* e explica: “x muda-s se em um tempo t1 x é F e em um tempo t2 x é não-F, e x ele-mesmo não está na mesma condição em t2 como estava em t1. ... x muda-a se x é F em um aspecto, não-F em outro, e x está na mesma condição quando é F e quando é não-F”. IRWIN, T. H. Plato's Heracliteanism, *The Philosophical Quarterly*, Vol. 27, No. 106 (Jan., 1977), p.4. Para ele a sincronicidade não é uma característica essencial do segundo tipo de mudança. Porém, como mostrará a aplicação do modelo, essa característica será determinante na definição do tipo de par de opostos que ela compõe.

⁸ B67 não explicita que o a noite vira dia, mas isso parece ser uma inferência pertinente.

são utilizadas como intrínsecas à coisa. Por exemplo, a água do mar é saudável para os peixes e mortal para os homens (B61) e a geração da água é a morte da terra (B36). Este último exemplo mostra que no caso do referente interno o par igualado sincronicamente, geração e morte, participa de um par igualado diacronicamente, a água que vira terra. Participação que parece garantir sua aplicabilidade ao modelo proposto. Sendo A água e B terra, AB descreveria a morte da água e BA a sua geração. A em t1 seria o início em relação a AB e, ainda em t1, o fim em relação a BA. Já no outro caso, exemplificado pela água do mar saudável e mortal, é necessária a inserção de dois referentes externos para garantir a sincronicidade do modelo. Em t1 para o referente 1 que está em A, AB seria, por exemplo, uma subida. Enquanto também em t1 para um referente 2 que está em B, BA seria uma descida.⁹ Apesar de também garantir a união, seu embasamento depende de algo externo ao modelo de mudança.

Os tipos de opostos divididos segundo a mudança

A classificação dos pares de opostos mais conveniente neste caso seria tomar por critério sua sujeição à mudança. Alguns pares apresentados nos fragmentos encontram-se em mudança entre si, outros não. Os que não mudam são menos numerosos e, obviamente, não podem ser aplicados a nenhum modelo de mudança.¹⁰

⁹ Barnes usa dois tipos de mudança similares aos aqui apresentados para mostrar que Heráclito comete uma ‘falácia da queda da qualificação’ ao propor sua união de opostos. Em um caso seria a qualificação temporal ignorada. Alguém que é cabeludo em t1 torna-se careca em t2. Ignorada a qualificação temporal ele passa a ser dito cabeludo e careca. No outro caso a qualificação já não é temporal. Se a água do mar é boa para os peixes e ruim para os homens, basta ignorar os qualificadores *para os peixes* e *para os homens* para concluir-se que a água do mar é boa e ruim. cf. BARNES, J. *The Presocratic Philosophers*, London, Routledge, 1982 p.55-56. Heráclito não apresenta um argumento, mas sim exemplos. Por isso essas premissas consideradas por ele, a variação do tempo e do referente externo, serviriam apenas como exemplos particulares. Quando da formulação geral de sua conclusão elas são realmente eliminadas. Apesar disso, elas não seriam ignoradas. Pelo contrário, assim como o fluxo eterno elas são usadas, não como provas céticas, mas como garantia de conhecimento. É importante notar que como no caso de Irwin a simultaneidade de um tipo de união, aquela entre início e fim, origem e morte, não é abordada.

¹⁰ A existência de pares de opostos entre os quais não ocorre mudança não impede essa teoria já que,

Sua mera ocorrência já apresentaria um problema. Se eles não estão em mudança, e é a mudança que unifica os pares, eles impediriam a generalização de B50 segundo o qual é “sábio concordar tudo ser um”. Então para que ocorram pares cuja ausência da mudança impede sua união eles devem estar sujeitos a algum outro modo de unificação.

Os pares que não mudam parecem ser, em geral, compostos segundo uma mesma fórmula.¹¹ Nesse caso Heráclito prefere usar pares de palavras com a mesma raiz diferenciadas pela adição de um alfa privativo (*a-*). A tradução em português se daria pelo prefixo *in-*. Esta construção tornaria os termos formalmente contrários.¹² Alguns exemplos são *experientes/ inexperientes* (*peir-/ apeir-*) em B1, *justas/ injustas* (*dik-/ adik-*) em B102 e *presentes/ ausentes* (*parei-/ apeí-*) em B34.¹³ O contexto destas ocorrências é suficiente para negar que haja mudança entre eles. Em B1 os

como se verá, um de seus componentes existe apenas no âmbito da aparência. Desta maneira, sem uma existência real, não precisa estar sujeito à mudança. Já o outro componente desse tipo de par, o que existe, sofreria a mudança. Por exemplo, um homem que é experiente e aparenta ser inexperiente não muda de experiente para inexperiente, mas muda de jovem para velho. De qualquer maneira o funcionamento do modelo depende simplesmente da aceitação de alguma mudança que não precisa necessariamente ser contínua.

¹¹ Uma exceção parece ser o uso de *potável/ impotável* para a água do mar em B61. Porém, como se verá mais adiante, a condição desse par comporta alguma ambiguidade entre real e aparente. Vale notar ainda que na conclusão onde os qualificadores são abandonados o par usado é *sujíssima-puríssima* e não *potável/ impotável*. Outra exceção que não nega a regra seria a harmonia inaparente ser melhor do que a aparente em B54. Pois com isso poderia ser dito que a harmonia aparente, apesar das aparências, sequer é harmonia. O que faz sentido numa leitura da harmonia em Heráclito ser fundada em oposição à pitagórica. A aplicação do modelo de mudança que se segue confirma essa posição.

¹² Na verdade em *presentes/ ausentes* a diferenciação é entre dois prefixos, *para-* (junto de) e *apo-* (afastado de). O fato de tratar-se da citação de um dito pode explicar o fato de Heráclito não utilizar o estilo de sua preferência. Mas desse uso não se deve ampliar esse grupo incluindo os exemplos em que preposições opostas são adicionadas às raízes como: *convergentes-divergentes*, *consonantes-dissonantes* (B10). Estes parecem servir para tratar dos pares com existência real.

¹³ B18 ainda fornece duas ocorrências que mesmo construídas com verbos parecem se enquadrar no modelo. Segundo o fragmento quem “não espera o inesperável não descobrirá o indescobrível”. Uma vez descobertos, tanto o *indescobrível* quanto o *inesperável* são provados pertencerem apenas à aparência. Outro caso seria o de B62 onde aparece *mortais-imortais*, *imortais-mortais*. Por ser um fragmento de construção complexa não há espaço para se defender a leitura que condiz com a interpretação proposta. Resta demonstrar qual é a leitura de uma maneira um pouco dogmática. A encadeação quiásmica de opostos teria por objetivo justamente definir um conceito único a partir da oposição aparente da opinião comum na qual o imortal é definido por oposição ao mortal. A participação da alma como vapor no ciclo macrocósmico garantiria a imortalidade a todo homem, porém apenas como um componente do cosmos, sem manter nenhuma individualidade. Seria, portanto uma imortalidade mortal.

homens, apesar de serem experientes, *aparentam (eoika)* inexperientes. Assim como em B34 onde o dito *presentes ausentes* ilustra a situação descrita na qual os homens, mesmo escutando, *aparentam (eoika)* ser surdos. Nestas duas situações não se verifica um processo físico que muda do inexperiente para o experiente ou do ausente para o presente. Todos são sempre experientes e aqueles que estão presentes estão naquele momento presentes. Eles apenas aparentam ser inexperientes e estarem ausentes. Caso um inexperiente ou ausente aparente se dê conta que é de fato experiente e está presente ele não mudaria de estado. Pelo contrário, ele apenas passaria a compreender o estado em que sempre esteve. Em B102 a diferença da situação é que a comparação não é mais entre homens apenas, mas sim entre homens e deuses. Para os deuses todas as coisas são justas enquanto os homens *supõem (hypolambanô)* algumas justas e outras injustas. Mais uma vez não há mudança de uma coisa justa para injusta e vice-versa. A falta de mudança geraria o problema da unificação destes pares. Nesse último caso a solução é mais clara. Tudo ser justo para o deus acaba com a legitimidade da existência em si das coisas injustas, ainda que alguns humanos as suponham. A mesma solução se aplicaria aos outros casos mesmo sem a recorrência à autoridade divina. A inexperiência e a ausência pertencem ao domínio da aparência apenas¹⁴, elas não existiriam realmente. A unidade seria atingida através da negação de um dos componentes do par. Desta forma estes casos não constituiriam mais um problema para a generalização *tudo é um*.¹⁵ Essa solução permite denominá-los pares

¹⁴ Gigon vê no uso dos verbos *einai* e *gignomai* em B1 uma oposição entre ser e parecer (que anteciparia o topos platônico). GIGON Apud KIRK, G. S. *Heraclitus: The Cosmic Fragments*. Cambridge: University Press, 1975. p.40-41. Mas o fato de Heráclito associar *gignomai* (no particípio) a *logos* (como tinha feito com *eimi* no particípio) parece impossibilitar essa diferenciação. Ainda assim a distinção entre ser e parecer figura em B1, na oposição citada entre os homens serem experientes, mas parecerem (*eoikasîn*) inexperientes.

¹⁵ Em Parmênides, onde o movimento é totalmente negado e todos os opostos pertencem ao âmbito da aparência (como o *gerar e o perecer* que são apenas *nomes* colocados pelos humanos B8.36-41), se observa a mesma atitude de negação de um dos opostos. Isso acontece na negação do não-ser e até nas definições negativas do ser. Por exemplo quando o ser é dito imóvel a mobilidade é negada tornando a imobilidade única. Uma referência ao *nome* figura também em Heráclito em relação a Justiça/ <injustiças> em B23. Porém como as *coisas injustas ou injustiças* só aparecem no contexto do citador, e Justiça parece ser personificado fica difícil propor uma interpretação sem um exame mais aprofundado. Mesmo assim, parece claro que a existência aparente de um depende do outro.

de contraditórios, já que um é definido e negado em oposição ao outro.¹⁶

Já os pares em mudança são formados, em geral, por duas palavras de raízes diferentes. As formas através da qual sua relação é demonstrada variam. A mais simples, e mais recorrente, é a citação sequencial das duas palavras. Assim como em B67 que apresenta *deus: dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, fartura-fome*. Por vezes alguma partícula conjuntiva é utilizada. Em B61 há um *e (kai)* entre *puríssima* e *sujíssima*. Por fim verbos podem ser utilizados para descrever situações mais complexas como em B126 segundo o qual “as frias esquentam, as quentes esfriam” e B36 onde “morte para água é terra gerar.” O único caso no qual parece existir um uso próprio padronizável em Heráclito é o primeiro, aquele dos pares construídos sem nenhum tipo de conectivo. Esta repetição estrutural poderia caracterizar uma tentativa intencional de informação através do aspecto formal do discurso. Não parece difícil supor que com a união dos nomes o autor quisesse expor a união das coisas.¹⁷ Porém, além da forma de exposição, seria preciso prová-la. Diferente dos pares de contraditórios nenhum dos componentes dos pares em mudança é negado para se chegar à unidade. Sua união vem da mudança que ocorre entre eles. Para indicar isso, Heráclito teria que abdicar do seu uso próprio e recorrer a usos mais convencionais coordenando os opostos com partículas e verbos. Por tratar-se de mudança, uma oposição contínua entre dois lados participantes que possuem uma

¹⁶ Aqueles que têm sua existência restrita ao âmbito da aparência só são conhecidos por oposição. Todos são experientes, mas como uns agem como se não fossem, eles agem como inexperientes. Mais claro é o caso do indescobrível que só pode ser entendido por oposição ao descobrível (B18). Mais complexo, como se viu na nota anterior, é o caso da injustiça, pois ela deveria ser conhecida apenas por oposição à justiça e não o contrário.

¹⁷ Schavernoich caracteriza esse tipo de estrutura como *antítese heraclitiana*. Ela seria dividida em dois cola simétricos onde a tensão entre as palavras mostraria sua unidade, tudo isso precedido por um título que também explica a unidade subjacente. cf. SCHAVERNOICH Apud. MOURAVIEV, S. *Heraclitea* III.3.A. Recensio: fragmenta. A De sermone tenebrosi praefatio. Berlin: Academia Verlag, 2002 p. 63. Convém lembrar que o texto grego era escrito em maiúsculas e sem separação de palavras. A tradução de B67 tenta usar elementos gráficos do português para se aproximar do original. O hífen indicaria a união, as vírgulas a divisão em pares e os dois pontos a maior importância do nome que ocupa a primeira posição. Por oposição ao uso do hífen que unifica, adota-se o uso da barra (/) para separar os pares de contrários pertencentes ao domínio da aparência.

existência real, este tipo de par pode ser denominado par de contrários.¹⁸ Porém estes contrários, apesar de compartilharem a característica de nenhum deles pertencer ao âmbito da aparência e de estarem sempre em movimento, parecem possuir modos de existência diferentes que valem ser examinados em relação ao tipo movimento ao qual se submetem.

Os tipos de contrários em mudança diacrônica

Os três exemplos que vêm sendo usados como paradigma para caracterizar os pares de contrários aplicáveis ao modelo de mudança diacrônica foram escolhidos por seus componentes representarem modos de existência diferentes segundo uma perspectiva anacrônica. A terra e água junto com o ar e o fogo são conhecidos, a partir do uso aristotélico, como elementos. Eles seriam componentes básicos inalteráveis das coisas. Como os fragmentos B31 e B36 de Heráclito tratam justamente da alteração de um em outro fica claro que sua compreensão difere daquela de Aristóteles. Água e terra não podem ser elementos, mas poderiam sim ser vistos como componentes básicos de um cosmos fluente justamente por estarem em alteração contínua entre si.

Por sua vez dia e noite são vistos como fenômenos meteorológicos assim como inverno e verão. Que Heráclito está ciente dessa ligação parece ser indicado em B67 onde ambos os pares ocorrem. Porém esse mesmo fragmento indicaria que a ligação ultrapassa a meteorologia ao apresentar os pares *guerra-paz* e *fartura-fome*. Heráclito parece entendê-los como fenômenos em geral. A melhor denominação talvez seja de *acontecimentos*. Como terra e água, eles também alteram-se entre si, ou seja, participam do mesmo modelo de mudança. Resta saber se isso implicaria em compartilharem o mesmo modo de existência.

¹⁸ Assim os pares de contraditórios possuem um componente com existência apenas aparente, enquanto nos pares de contrários ambos têm existência real. A denominação “pares de opostos” serve para uma aplicação geral a todos eles.

Já quente e frio usualmente são tratados como qualidades. O quente precisaria estar em alguma coisa para esfriar. Porém Heráclito, mais uma vez, não parece estar preocupado em diferenciar esse ou aquele modo de existência do quente ou do frio. O que lhe interessa é que eles também sofrem o mesmo processo de mudança. Provavelmente para ele, assim como a água morre ao se mudar em terra, o quente e o dia fariam o mesmo ao se mudarem em frio e em noite. O processo de mudança que une cada um desses pares é o mesmo, denominado acima como mudança diacrônica. De modo que parece ser a sucessão entre os pares (comum a todos) mais do que o seu modo de existência (particular a cada par) o que Heráclito queria enfatizar.

Os tipos de contrários em mudança sincrônica

Além da diacrônica, também a mudança denominada sincrônica serve para provar a união de opostos (ou, mais precisamente, de contrários). Já foi visto que sua comprovação depende da troca de um referente, seja ele interno ou externo. No caso do referente interno a união provada pela mudança sincrônica depende daquela diacrônica. Como no caso da morte da água ser a geração da terra. Assim água e terra, referentes internos, pois são unidos pela mudança diacrônica, servem para justificar a união de geração e morte.

O outro caso trata de referentes externos. Também foi visto que a água do mar é pura e saudável para os peixes e suja e mortal para os homens. Peixes e homens serviriam como provas, mas estariam fora do processo de mudança e união. Outra vez ocorreria uma generalização extraída de tais exemplos. Nesse caso ela fica clara pela queda dos referentes durante a formulação conclusiva da sua união. Segundo a primeira frase de B61 “o mar (é) água puríssima e sujíssima.” O fato de sê-lo respectivamente para peixes e homens seria um exemplo que poderia ser omitido da conclusão.¹⁹ É apresentada aqui uma situação diferente do caso da união entre geração

¹⁹ Estes referentes, peixes e homens, são apresentados na sequência do fragmento, porém, como era comum nas sentenças dos chamados sete sábios, é a primeira frase que traz a conclusão. Para uma

e morte no qual a dependência dos pares em movimento diacrônico é mantida.

Essa diferença garante a aplicabilidade do modelo de mudança aos pares de contrários que sofrem a mudança diacrônica seguindo a troca de um referente interno, mas não àqueles que seguem a troca de um referente externo.²⁰

Aplicação do modelo de mudança

Os componentes dos pares que sofrem tanto a mudança diacrônica quanto a sincrônica, sendo conscientemente vistos por Heráclito como portadores de um modo de existência diferente ou não e de se relacionarem a referentes internos ou não, devem compartilhar algumas características necessárias devido às suas respectivas aplicabilidades ao modelo proposto.

Como se viu a união sincrônica, quando com referentes internos, depende da diacrônica assim como a geração depende de ser geração de alguma coisa.²¹ Portanto o modelo será apresentado em duas etapas. A primeira tratando de sua fase diacrônica e determinando as características por ele exigidas e a segunda tratando da sua fase sincrônica.

A fase diacrônica do modelo de mudança

comparação entre o estilo das sentenças sapienciais dos chamados sete sábios e de Heráclito cf. GRANGER, H. Argumentation and Heraclitu's Book, *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 15: 2004, p.1-50.

²⁰ Resta então um problema fora do escopo dessa investigação. O que aconteceria quando o referente externo é usado como prova intrínseca da união entre opostos? O caso paradigmático é aquele de B61 onde se diz a água do mar ser suja para os homens e pura para os peixes. Caso se tratasse de um par de contraditórios referente ao âmbito da aparência a solução seria simples. Bastaria anular uma das opiniões. Mas nesse caso ambas são legítimas e servem para afirmar uma característica intrínseca da água do mar.

²¹ Em *Categorias* 6a10 Aristóteles explica que entre o que é em relação a algo (*pros ti*) não é oposto/contrário. Por exemplo o grande é grande apenas em relação a algo, então não é oposto, pois pode ser ao mesmo tempo grande em relação a algo e pequeno em relação a outra coisa. Mas em Heráclito esta relação não prova a existência ser em relação a algo, mas sim esse algo, dependente também da mudança diacrônica, possuir simultaneamente duas características contrárias intrínsecas.

Segundo o modelo de B60 A muda em B e B muda em A compondo a união AB que é uma e a mesma que BA. Essa aplicação geral mostra antes de mais nada duas características opostas aos pares de contraditórios. Primeiro ela garante alguma existência real, não apenas aparente, tanto a A quanto a B. Eles não seriam contraditórios, mas apenas contrários. A aceitação de um não implica na negação do outro, na verdade, um depende fisicamente do outro²². Por isso ambos tanto compõem AB quanto dependem de AB. O que poderia gerar um problema? Se A e B devem existir separadamente para que haja mudança entre eles, mas se essa mudança os une em AB surgiriam várias possibilidades para esta relação. Seus componentes poderiam ser um (AB), dois (A e B), três (A, B e AB) ou até mesmo quatro (A, B, AB e BA). O modelo sugerido aponta para a terceira opção ao definir o *em cima* (A), o *embaixo* (B) e o *caminho que é o mesmo* (AB ou BA). A investigação dos diferentes exemplos apresentados confirma a validade do modelo. Em B31 entre água e terra existem as formações de fogo²³, em B126 entre quente e frio há alguma coisa²⁴, e em B67 entre dia e noite está o deus. Parece mesmo que alguma entidade AB tem que ser aceita. Pelo fato de subjazer à união entre A e B, AB costuma ser entendido como uma espécie de substrato²⁵. O caso de B67 onde *deus*

²² Já foi aludida a possibilidade de dependência epistemológica entre os pares de contraditórios. Um é definido apenas em oposição ao outro. No caso dos contrários essa dependência seria real, portanto física.

²³ A leitura de B31 aqui adotada confirma essa necessidade de algo que permita a alternância entre extremos. “Formações do fogo” (*puros tropai*) seria lido como um título (assim como deus em B67) ao qual se submete o resto do fragmento. Inteiro, ele seria assim, “formações do fogo: primeiro mar, e do mar uma metade terra e outra metade fulguração”. Essa leitura condiz com B30 onde o cosmos é fogo sempiterno acendendo-se e apagando-se em medidas. Assim acendendo viraria terra e apagando água. Condiz ainda com B36, no qual, para água é morte terra gerar e vice versa. Nesse caso o fogo não seria tratado porque segundo B30 e 31 esse é sempiterno e suas medidas e formações é que formam os outros elementos.

²⁴ O uso do neutro como uma espécie de coletivo “ta psychra” indicaria uma noção indefinida de “coisas frias.”

²⁵ O termo aristotélico serve para descrever uma noção um pouco diferente em Heráclito. Assim como defende Hussey: “Quando ele (Heráclito) clama que dia e noite 'são um' (B57) ele não quer dizer que eles são idênticos, mas, como B67 deixa claro, que eles são 'uma coisa' sendo o mesmo substratum em estados diferentes”. De fato, como vai ser visto, o pensamento de Heráclito pressupõe tanto a realidade quanto a oposição real dos opostos. HUSSEY, E. Heraclitus. In: LONG, A. *The Cambridge Companion to Presocratic Philosophy*. Cambridge: University Press, 2006. p.95.

(*theos*) cumpriria essa função seria um exemplo. Porém ele não facilita uma determinação das características desse substrato já que a noção de deus é tão ampla que quase é indeterminada. A mais comum de suas características seria a imortalidade. Isso não contribui muito para essa investigação tendo em vista a união de geração e morte na mudança sincrônica. Por outro lado essa aplicação de uma noção tão ampla poderia indicar justamente que a postulação de tal entidade fora posterior, com o intuito de satisfazer uma necessidade teórica. Isto reforça a indicação de que segundo Heráclito a mudança deve acontecer em algo. Essa necessidade, também verificável em outro caso mais banal de algo quente que muda em algo frio, parece colocar os contrários mais próximos da compreensão que temos das qualidades do que da de coisas. Ou seja, os contrários (A e B) dependem de acontecerem em alguma coisa (AB, ou um substrato) para existirem.

O modo de existência dos contrários

É preciso, então, examinar se esses contrários apresentam características mais próximas do que se entende normalmente por qualidade ou por coisa. Essa distinção não foi feita claramente por nenhum pré-socrático. Desta indistinção tende-se por privilegiar o conceito mais primário de coisa, aplicando-o então às qualidades.²⁶ Nesta leitura alguma existência própria seria atribuída às qualidades. Em Heráclito, de fato, para o funcionamento do modelo A e B devem ter uma existência própria. Porém sua existência depende daquela do substrato AB. Parece claro então que o modo de existência dos pares de contrários fica entre o de coisa e qualidade. Resta saber qual desses tipos se sobrepõe um ao outro. Um critério de decisão poderia ser a importância. Se o substrato for o mais importante, os contrários existiriam mais como

²⁶ Por exemplo, Kirk comentando B61: “deveria ser desnecessário dizer que para ambos, Heráclito e Anaxágoras, 'os opostos' eram coisas opostas; quente e frio, saudável e danosa, tinham uma existência própria, e eram componentes atuais de objetos mais complexos com os quais aconteciam de estar conectados: essa visão, sem dúvida nunca definida nesses termos claros por Heráclito e Anaximandro eles mesmos, é a predecessora natural de um conceito de qualidade.” KIRK, G. S. *Heraclitus: The Cosmic Fragments*. Cambridge: University Press, 1975. p.74-75.

suas qualidades do que como coisas. Não há uma indicação clara, mas uma importância maior parece mesmo ser atribuída ao substrato. Um sinal disso seria a escolha de *deus*, termo religioso absoluto, num dos casos de sua postulação. Outro seria a estrutura formal dos fragmentos onde o substrato é apresentado como título do qual se seguem os pares de contrários. B67 serve como paradigma das duas situações. Se for este o caso, A e B seriam tratados como qualidades perceptíveis dependentes de um substrato necessário AB.

A união não unifica os contrários

Da aceitação de que A e B dependem do substrato AB para existirem, e de que em AB acontece a mudança contínua que une A e B, segue-se que essa união não os unifica. Não se trataria de uma identidade porque a formação de um todo homogêneo impossibilitaria a mudança. Tudo seria reduzido a um elemento. De A até A não haveria sequer um substrato para ser o mesmo.²⁷ Os extremos são unidos, mas não são um e o mesmo no sentido de formarem um todo homogêneo que anule suas diferenças. O que clarifica o tipo de harmonia que se encontra em Heráclito. Não seria uma harmonia pitagórica da qual a realização acaba com a oposição/diferença entre seus elementos. Seria antes uma harmonia inaparente como a preferida em B54 que permite unir os contrários desde que alguma tensão necessária ao movimento entre eles seja mantida.²⁸ Até mesmo a absolutização exposta pelo “tudo é um” deve se submeter a tais condições. Nem mesmo a união total se trataria de uma unificação total. Nenhum dos contrários é negado. Mesmo após a constatação de que tudo está ligado, pode-se até supor, sob um substrato absoluto digno de ser nomeado

²⁷ Pradeau, ao comentar a passagem do *sofista* (242e) que cita Heráclito em oposição a Empédocles, opina: “é isso que faz a originalidade da tese heraclitiana, os contrários não são nem suprimidos nem subjuzados pela unidade mas a constituem.” PRADEAU, J-F. *Héraclite*, citations et témoignages. Paris: GF Flammarion, 2002 p.270.

²⁸ Para uma defesa da diferença entre a harmonia heraclitiana e a pitagórica, ver GUTHRIE, W. K. C. *A History of Greek Philosophy: The Earlier Presocratics and The Pythagoreans*. Vol. 1. Cambridge: University Press, 1962 p.436.

deus, eles, e a mudança entre eles, seguem tendo uma existência própria. Mas se é certo que os contrários devem ser entendidos como diferentes, é preciso saber se a determinação dessa diferença é fixa. Por exemplo, se A é sempre o extremo de cima e B, sempre o de baixo. O que leva a investigação da segunda parte do modelo de mudança retilinear, a reciprocidade, que permitirá alguma união sincrônica dos contrários.

A fase sincrônica da mudança

Restringindo-se a uma etapa do modelo de mudança, como foi feito até aqui, os extremos parecem possuir uma definição fixa. Existiria um A e um B que sempre seriam bem determinados, por exemplo, o *em cima* e o *embaixo* respectivamente. Porém o modelo retilinear em Heráclito parece abarcar outras etapas em direções opostas dando-lhe características recíprocas que podem relativizar essa fixidez. AB só é o mesmo que BA porque a mudança ocorre nas duas direções. Mais uma vez as outras ocorrências confirmam essa característica extraída do modelo geral. Por exemplo, em B36 água virando terra e terra virando água ou em B126 as coisas frias esquentando e as quentes esfriando. O problema é que uma união sincrônica de A e B anularia suas diferenças. Se A é A ou B, e B é também A ou B, a condição necessária ao movimento verificada acima, a diferença entre A e B que garante alguma propriedade à sua existência, não seria mais satisfeita. Então a união sincrônica de opostos deve acontecer sem a perda da particularidade determinante a ambos. A solução vem da dependência, já identificada no modelo, entre a mudança sincrônica e a diacrônica. A sincrônica depende de um referente, que no caso de ser interno, sofre a mudança diacrônica. Por exemplo, a união entre geração e morte depende da mudança entre água e terra. Só assim pode ser dito que a geração da água é a morte da terra. Ou seja, a geração de A é a morte de B. A e B continuam diferentes, porém o fato de comporem AB justificaria a união sincrônica do início de AB com o final de BA.

Continua claro que os contrários permanecem com uma determinação fixa, onde o quente segue sendo sempre o quente, a água sempre a água e assim por diante. Por outro lado a possibilidade da inversão do sentido do movimento permite uma relativização desses contrários em relação à mudança que eles sofrem. Processo que não lhes seria menos intrínseco uma vez que, como se viu, a mudança sincrônica representa um papel equivalente ao da diacrônica na união dos extremos. Uma mudança que começa em A e acaba em B, pode também recomeçar em B e acabar em A.²⁹ Isso faz com que A possua a característica de ser simultaneamente o começo de AB e o fim de BA, e B o contrário. O modelo de mudança retilíneo e recíproco em Heráclito implicaria na aceitação de uma diferença fixa, mas relativizável entre os extremos. Eles são determinados, como quente ou frio, água ou terra, mas também trocam de papel representando por vezes a origem ou geração e por vezes o final ou a morte, a origem do quente depende da morte do frio.

Conclusão

Concluindo pode-se sistematizar o modelo de mudança em Heráclito da seguinte forma. Existem dois limites contrários determinados que desempenham papéis relativos ao sentido da mudança. Estes contrários não são um mesmo homogêneo. Eles se encontram conjugados por um caminho de mudança, que é um e o mesmo, pelo qual se alternam e do qual dependem para existir. Tanto de seus papéis serem relativos (ora fim ora início) quanto da sua dependência de um mesmo caminho de mudança segue-se que eles são um. Porém, pelo fato de haver uma mudança, segue-se também que eles possuam alguma diferença e existência próprias. Como tudo que tem uma existência física está em constante mudança, tudo deve seguir esse modelo e assim tudo pode ser dito um. Fora desse modelo estão os contrários cuja união é provada em relação a um referente externo e também os pares

²⁹ Não seria necessário que toda mudança tenha que começar de um contrário e ir até o outro extremo, estágios intermediários seriam aceitáveis.

compostos por componentes contraditórios. Neste último caso um dos opostos contraditórios pertence apenas à aparência. Por isso ele não está em constante mudança nem segue esse modelo. Ainda assim esses pares podem ser ditos um na medida em que um de seus componentes sempre é negado.

Bibliografia

- ARISTÓTELES, *Categorias*. In: ROSS, E. D. (Ed.) *Aristotle, Works, v. 1. Categoriae and De interpretatione*. By E. M. Edghill. Oxford: Clarendon Press, 1928
- BARNES, J. *The Presocratic Philosophers*. London: Routledge, 1982
- DIELS, H. *Die Fragmente der Vorsokratiker: Griechisch und Deutsch*. 10ª Edição. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1960-61.
- DIÓGENES LAÉRCIO, GOULET-CAZÉ, M.-O. (Org.) *Vie et Doctrines des Philosophes Illustres*, Paris: La Pochothèque, 1999
- GRANGER, H. Argumentation and Heraclitus's Book, *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 15: 2004
- GUTHRIE, W. K. C. *A History of Greek Philosophy Vol.1*. London: Cambridge press, 1962
- IRWIN, T. H. *Plato's Heracliteanism* In. *The Philosophical Quarterly*, Vol. 27, No. 106 (Jan., 1977), p. 1-13
- KIRK, G. S. *The cosmic fragments*. Cambridge: 1975.
- KIRK, G.S. *Natural Change in Heraclitus* In. *Mind, New Series*, Vol. 60, No. 237.(Jan.,1951), p.35-42.
- LONG, A. *The Cambridge Companion to Presocratic Philosophy*. Cambridge: University Press, 2006.
- MOURAVIEV, S. *Heraclitea* III.3.A. *Recensio: fragmenta. A De sermone tenebrosi praefatio*. Berlin: Academia Verlag, 2002
- MOURELATOS, A. L. "Heraclitus and Parmenides and the naïve metaphysics of

- things” In: *The route of Parmenides*, revised and expanded edition, Las Vegas: Parmenides Publishing, 2008.
- PLATÃO, Teeteto, Sofista, Banquete. In. *Plato in Twelve Volumes*, Vols. 9 and 12 translated by Harold N. Fowler. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd. 1921.
- POWELL, E. *A lexicon to Herodotus*. London: Cambridge press, 1938.
- PRADEAU, J-F. *Héraclite. Fragments [citations et témoignages]* Paris: GF Flammarion, 2004.
- SNELL, B. *The Discovery of Mind*. Oxford: Oxford press, 1953.
- VLASTOS, G. *On Heraclitus* In. *The American Journal of Philology*, Vol.76, No.4 (1955). p.337-68.



Recebido em Setembro de 2010
Aprovado em Setembro de 2010